

Apresentação Número especial

Os sofrimentos do jovem Werther – 250 anos de lançamento

No ano de 2024, que marca os 250 anos da publicação de um dos mais importantes romances da Literatura Alemã, *Os sofrimentos do jovem Werther* (*Die Leiden des jungen Werthers*), a Revista Contingentia tem o prazer de publicar um número especial dedicado às pesquisas e reflexões sobre a obra. Os artigos, como sempre, vinculados às diversas subáreas dos estudos germanísticos (Literatura, Linguística, Tradução, Ensino), propõem discussões e rediscussões, que evidenciam a atualidade de um romance publicada há dois séculos e meio.

No primeiro texto deste número, "Johann Wolfgang von Goethe e Goethe!: O autor como personagem", Helder John analisa Goethe e seu Werther, apresentando e comparando aspectos de *Os sofrimentos do jovem Werther*, da vida de Johann Wolfgang von Goethe e de Goethe como personagem na produção cinematográfica homônima, que aborda o período em que o escritor trabalhava no romance em questão. John se propõe ainda, em seu texto, a examinar o filme à luz da teoria sobre a adaptação e explorar a transformação do autor Goethe em personagem do filme.

Em "Werther – o suicídio e a eternização do amor", Michael Korfmann e Gabriella Bugs Ache procuram demonstrar como *Os sofrimentos do jovem Werther* aventa a morte, e mais precisamente o suicídio, como uma possibilidade de eternização do amor, que perpassa tanto a esfera individual, quanto a social. No artigo, são abordadas duas questões constitutivas desse romance específico, primeiramente o binômio 'individualidade' e 'sociedade', e, como contraponto, a dinâmica entre consciência e comunicação, com vias a explicitar a perspectiva que permeia a obra, de que o social é uma composição direcionada à desapropriação da individualidade.

No terceiro artigo desse volume, Henrique Sagebin Bordini compara duas obras do período *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto): o *Diário de Minha Viagem no Ano 1769*, de Johann Gottfried Herder, e *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe, sob referência do fenômeno conhecido por *Weltzschmerz* (Dor do Mundo). Com foco na relação e troca intelectual entre Herder e Goethe, Bordini propõe a comparação de suas obras e biografias a fim de sustentar a tese, de que o fenômeno de fuga dessa época é a manifestação estética de um movimento despontando na sociedade de língua alemã do século XVIII. Com base na análise dos pilares desse movimento, a saber, a formação de um novo público leitor, a relação controversa com a *Aufklärung*, a fuga à Natureza e a valorização e criação de uma relação com o sentimento, o autor conclui que as angústias de Herder e de Goethe refletem tipicamente sua posição social.

O artigo de Valéria Sabrina Pereira, "Do *Zukunftsroman* a *Perry Rhodan*: O início da ficção científica alemã", abre a seção de artigos de temática livre dessa edição, propondo uma discussão acerca das origens da ficção científica alemã. No texto, a autora apresenta o *Zukunftsroman* e discute o caminho percorrido pelo gênero até que esse se transformasse em ficção científica, distanciando-se da produção nacional já existente. Para exemplificar sua análise, a autora se debruça especialmente sobre a revista de ficção científica **Perry Rhodan**, em circulação desde 1961, e que é tratada como uma publicação exemplar do movimento.

Em seu texto, *Brinquedos Auráticos: uma leitura benjaminiana*, Jéferson Rosskopf analisa o brinquedo enquanto um artefato histórico-cultural dentro da ótica do pensamento de Walter Benjamin (1994), na medida em que entende a criança e o brinquedo como parte de sua comunidade e de sua classe. No brinquedo está contido o que Benjamin conceitua como aura, que aponta para a memória e para a experiência de uma comunidade. Rosskopf lança mão ainda dos estudos de Gandhi Piorski (2016), para investigar o entrelaçamento entre passado e presente do brinquedo.

Lóren Cristine Ferreira Cuadros, em *YOLOCAUST: a imagem dialética benjaminiana enquanto protesto em tempos de profunda transitoriedade*, tematiza o polêmico projeto artístico "Yolocaust", de Shahak Shapira (2017), chamando a atenção do grande público para as selfies feitas por turistas no Memorial aos Judeus Mortos na Europa de Berlim. A autora pontua a desconsideração dos visitantes com relação ao sentido atribuído ao monumento e discute a obra de Shapira à luz dos conceitos benjaminianos de "imagem dialética" e "experiência", apontando como, ao incitar o observador ao pensamento crítico, o projeto ajuda a impedir que a memória da Shoah seja banalizada.

Em *Roque vs Roque e o direito à vida: reflexões de Hölderlin a Anatol Rosenfeld*, Cézarne Lélis de Carvalho analisa a peça *Roque Santeiro ou O Berço do Herói*, de Dias Gomes, sob a ótica dos conceitos de Cultura Fechada e Cultura Aberta desenvolvidos por LUKÁCS (1999), as acepções sobre o drama de SZONDI (2001) e HÖLDERLIN (2010) relativas à necessidade de conflito e a importância do diálogo no teatro e os estudos de ROSENFELD (1996) e SACRAMENTO (2012) sobre a obra de Dias Gomes, com especial foco na figura do herói. O texto propõe um debate acerca da luta constante entre o personagem Roque Santeiro e a figura da cidade de Asa Branca, que cria imagens antagônicas para um mesmo personagem (Roque Santeiro), entre mito e realidade. Enquanto a morte mítica de Roque Santeiro é o alicerce para a cidade de Asa Branca, o Roque-Real é visto como ameaça para a existência de todos. De figura humana e falível, Roque se transforma em herói, quando se recusa a morrer em favor da cidade de Asa Branca.

Desejamos uma boa leitura!

Os editores.

Gerson Roberto Neumann – UFRGS

Helano Jader Ribeiro – UFPB

Sofia Froehlich Kohl – UPorto